

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

98)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 16, 1839)



A CIDADE DE LORETO.

CIDADE DE LORETO.

E LORETO uma cidade pequena, situada nos Estados Ecclesiasticos, no districto da Marca d'Ancona, obra de cinco leguas distante desta, e apenas a uma legua do mar Adriatico. A situação de Loreto sobre uma grande eminencia offerece á vista mui formosa e variada perspectiva de mar, de montanhas, de rios, e de planicies: comtudo a terra em si, ainda que de moderna fundação, é de mesquinha apparencia, e nunca chegou a ser populosa. Os unicos edificios notaveis são a sé e uma praça quadrilonga; notaveis nesta cidade porque em outra qualquer seriam insignificantes. A praça seria bella se estivesse acabada, porque o plano era formar duas arcadas, uma sobre outra, nos tres lados, occupando a cathedral o quarto. A igreja é vasta, porém construída com máu gosto; e por isso não é provavel que o risco e a execução fossem dos famigerados Bramante e Miguel Angelo, como affirmam os naturaes da cidade: é da fórma d'uma cruz, e a nave d'estilo gothico, porém desfigurado, sem pompa nem singeleza. Este templo foi mui rico pelo thesouro de preciosidades, que os devotos da Mãe de Deus, sob a invocação de N. Senhora do Loreto, offertaram em diversas epochas, ou em cumprimento de votos, ou por mero fausto: estas joias, dadas de principes, e de outros poderosos, e opulentos, eram guardadas em uma casa especial, mui bem distribuída, onde se mostravam, e que por essa razão era denominada o thesouro. As mais finas pedrarias, o ouro, a prata, e outros metaes abundavam nestas peças variadissimas, que umas pelo summo preço, outras pelo primor dos labores, enlevavam os curiosos que as examinavam. Porém, no tempo da revolução franceza, quando os republicanos se apossaram da cidade em 1798, metade do thesouro foi consumido em mantê-los durante a sua estada, e a outra metade, e porventura a mais preciosa, trouxeram consigo á saída. Verdade é que as imagens da Virgem, de prata, e a do Menino, de ouro, foram restituidas, e em 1802 trasladadas, com grande pompa, para a sua casa de Loreto; porém, muitas alfaias ricas, e immensos objectos levaram descaminho. De então para cá os presentes offerecidos, raros em numero, e diminutos, nem de longe restabeleceram a riqueza do antigo thesouro. O mais notavel consistiu em duas corôas d'ouro que um pontifice offereceu.

Toda a fama de Loreto procedeu de uma tradição popular, que afirma ter sido tirada ao poder dos turcos, e trasladada em uma noite pelos anjos a casa, em que a Virgem Maria habitou em Nazareth, para as costas de Dalmacia, e d'alli, por causa do pouco fervor e devoção do povo, para as costas fronteiras da Italia, e local, onde á roda do monumento milagroso se foi povoando a cidade, hoje denominada de Loreto. A origem deste nome vem [dizem] de uma senhora chamada Lauretta, em cujas terras os anjos depozeram a sancta casa. Tal é em summa a tradição cujo exame deixámos aos criticos e sabedores da historia ecclesiastica.

Em tempos mais antigos era prodigiosa a affluencia dos peregrinos, que annualmente visitavam a sancta casa, que está collocada na sé, debaixo da cupula, e é lageada de paredes de fino marmore, de bellissimos relevos, que representam os mysterios da Sancta Virgem. No seculo presente a romagem está consideravelmente atenuada em numero e riqueza dos romeiros, que dantes concorriam de todas as partes, por tal fórma, que a cidade de Loreto foi apellidada por alguns — a Meca da Italia, —

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO 3.^o e 4.^o MEZ DO VERÃO DE 1838. POR M. M. FRANZINI.

Agosto de 1838.

Temperatura média das madrugadas 65° [15° R].
 D.^a ás horas de maior calor 86 [24°].
 D.^a média do mez $75\frac{1}{2}$ [$19\frac{1}{2}$].
 Variação média diurna 21° [$9\frac{1}{2}$].
 Maior variação diurna 30 [14] a 24 .
 Menor „ „ 9 [4] a 20 .
 Maior fr. 57 [11°] a 24 . — Maior cal. 97 [29°] a 26 .
 Barometro. — Maior altura 762 , [$30,0$ P] a 23 .
 Menor „ $757,3$ [$29,81$] a 14 .
 Média „ $759,0$ [$29,88$] —

Chuvas. — Sómente a 3, 4, e 5 houve insignificantes chuviscos, apesar de soprarem ventos rijos de N., e NO. Na totalidade não chegaram a 1 millim.^o [$0,03$ poll.^a] o que corresponde a $3\frac{1}{2}$ canadas por braça quadrada, ou um oitavo da escassa chuva que costuma cair neste mez nos annos ordinarios. — Foi, portanto, extremamente ardente e secco, contando-se no seu decurso 21 dias de calores abrazadores, durante os quaes o thermometro se elevou de 90 a 97° nas horas quentes. — Sopraram ventos rijos de N. a NO., desde 2 até 7, e a 17, 23, e 25.

Tendo tido occasião de fazer algumas observações em Cintra com o intuito de obter uma idéa approximada da differença de temperaturas entre os dois sitios, concluí das observações comparadas de 20 dias, que a differença média nas horas de maior calor, chegou a 10° [$4\frac{1}{2}$] sendo extremamente avultada a 19 e 20 em que as duas temperaturas differiram 21° [$9\frac{1}{2}$]. O thermometro atingiu em Lisboa naquelles dois dias 95° , e em Cintra não passou de 74° , para cujo phenomeno contribuíram sem duvida os nevoeiros que nas manhãs daquelles mesmos dias coroarão o alto da serra. No decurso do mez se repetiram estes mesmos nevoeiros em dez dias. — É tanto mais notavel esta differença de temperaturas nas horas quentes, por isso mesmo que as temperaturas das madrugadas pouco differiram nos dois sitios, no decurso dos referidos 20 dias. — Deve-se notar que estas observações foram feitas no extincto convento da Trindade, collocado a pequena distancia do alto de S. Pedro, e no mesmo nivel; a saber na altura de 138 braças sobre o mar. A altura absoluta do pateo que dá entrada para a porta da igreja da Pena sobre o nivel do mar, é de 230 braças, e a da praça da villa de Cintra 100 braças. — A altura do antigo observatorio do castello de Lisboa é de 46 braças sobre o Tejo. — A posição da Trindade não só pela sua maior altura sobre o nivel do mar, mas tambem pela configuração do terreno aberto ao N., e fechado pelos dois quadrantes do SE. e SO., é por isso mais fresca comparada á da villa; porém a differença relativa de suas temperaturas não póde ser avultada. Este pequeno numero de observações que tenciono continuar, parece confirmar a antiga reputação de que goza aquelle ameno sitio, por sua notavel frescura na estação dos calores, o que é devido não só á situação topografica da serra, que recebe em primeira mão os vapôres aquosos do Oceano, mas tambem ao frondoso arvoredo de que se acha adornada, o qual absorve e conserva a humidade transmittida pelos ventos mareiros, e que as futuras observações sobre as respectivas quantidades de chuva, que cae nos dois sitios, mui provavelmente confirmarão. Oxalá que o genio malfazejo e destruidor dos arvoredos não continue suas devastações naquelle pittoresco solo, como infelizmente já tem começado.

Phenomenos notaveis. — A 26 deste mez perto do districto de Zelander, na Hungria, teve lugar um violento tremor de terra acompanhado de trovão subterraneo, que durou 5 minutos. Na cidade de Racz-Kaniza, e seus suburbios, abateram algumas casas, outras racharam. O aballo foi sentido em um raio de 10 leguas, chegando até Rockemburgo e Lettemberg na Stiria. — Á mesma hora em que teve lugar este tremor, as aguas dos rios se turvaram, e agitaram, lançando sobre as margens grande numero de pequenos peixes.

Informam de Leiria haver grande quantidade de todas as especies de fructas de caroço, e especialmente de maçãs. As searas de milho promettem abundantes colheitas especialmente nas varzeas. Abundam igualmente as boas melancias. — As vinhas pelo contrario annunciam mui diminuta vendima, não excedendo talvez um terço do que costuma fornecer nos annos ordinarios, e por isso o vinho subiu alli de preço. — As oliveiras continuam a indicar abundante safra.

Setembro.

Temperatura média das madrugadas 61° [13° R].
D.^a nas horas de maior calor 77 [20].
D.^a média do mez 69 [16½].

Varição média diurna 16 [7°].

Maior variação diurna 22 [10] a 13.

Menor „ „ 4 [2] a 25.

Maior fr. 54° [10°] a 26—Maior cal. 91 [26½] a 2.

Barometro.—Maior altura 759,9 [29,92] a 13.

Menor „ 742,6 [29,24] a 26.

Média „ 754,4 [29,7].

Chuvas.—Foram muito escassas, caíndo apenas 19^m [$\frac{2}{3}$ poll.^a] nos dias 7, 16, 17, 25, e 26, o que equivalle a 6 almd.^s por braça quadrada, ou metade do que costuma cair nos annos medianamente chuvosos. — Sómente a 16 e 25 é que as chuvas foram de algum vulto, pois nos outros tres dias foram tenues chuviscos que não excederam a um millimetro em cada dia. — Sopraram ventos rijos de S. a SO. a 6, 15, e 16. — Do N. soprou com violencia a 13; e a 25 houve de tarde uma violenta reféga do NNO., que durou apenas duas horas, e logo abrandou. — A temperatura do ar foi muito quente até 18, mantendo-se nas horas de maior calor de 88 a 91, o que teve lugar a 1, 2, 11, 12, e 13; sendo a média de 80°. — A 19 refrescou a atmosphera, baixando 9° aquella temperatura. Em geral foi este mez muito quente e secco.

Phenomenos notaveis. — Na tarde do dia 6 deste mez desfechou sobre París uma horrivel tempestade e trovoadas. — Torrentes de chuva e copiosissima saraiva de grossura de nozes causaram grandes prejuizos na capital e seus arrabaldes. Grande numero de vidraças foram despedaçadas: o jardim das plantas padeceu extremamente, ficando perdidas quasi todas as plantas raras. — As hortas e jardins ficaram arruinadas, e as arvores de fructos perdidas. Pouco antes de se manifestar esta tempestade tinha o barometro feito grandes oscillações; o vento variava com extraordinaria rapidez do Occidente para o Norte, e foi de tarde que rebentou a tempestade em toda a sua violencia. — Em Lisboa, naquella mesmo dia, soprava vento rijo do SO., estando o ceu cuberto, mas sem chuva.

As observações relativas aos mezes do verão deste anno, confirmam o facto constantemente reproduzido nos annos antecedentes; a saber a grande seccura que predomina em Lisboa nos mezes de Junho, Julho e Agosto. A temperatura daquelles mezes foi este anno muito desigual em Junho, e extremamen-

te calorosa nos dois immediatos, e no de Setembro em que appareceram escassas chuvas. —

Terminaremos este artigo offerecendo um resumo das quantidades de chuva observadas nos tres referidos mezes de secca, no decurso de 14 annos.

	Dias em que choveu	Millim.
1816	15	54.
17	15	12.
18	4	3.
19	7	3.
20	7	24.
21	6	26.
22	11	25.
23	9	23.
24	3	2.
25	6	59.
35	10	31.
36	7	24.
37	3	9.
38	9	10.

Médio 8 — 22½ ou pouco

mais de $\frac{4}{5}$ de pollegada na totalidade dos tres mezes, o que ainda não atinge a 4 por cento da chuva média annual. Do que se infere a grande utilidade que deverá resultar na diminuição deste defeito essencial do nosso clima com a plantação e conservação das arvores, e construcção dos poços artesianos a beneficio da agricultura. Estas verdades nunca serão assaz repetidas, vista a preocupação dominante contra a existencia dos arvoredos, poderosos agentes da frescura do solo, de que são o mais bello e proveitoso adorno.

O FRADE YETSER.

ASSIM como a religião pura allumia os entendimentos, e amacia os costumes, do mesmo modo a superstição transtorna o juizo, e inspira phrenesi, extravagancias, e mil acções dignas de abominação. De argumento desta verdade póde servir o celebre caso, succedido em Berne, que deu azo ás mudanças religiosas que Zwinglio fez na Suissa.

Desde o 13.^o seculo que os franciscanos e dominicanos tinham travado contenda, em que andavam mui accesos ainda no principio do 16.^o Os prós dos dominicanos haviam diminuido muito, porque o povo os menoscabava em consequencia d'essa contenda. Vinha ella a ser o negarem os dominicanos que a Virgem Maria houvesse nascido sem peccado original, opinião que era de Sancto Thomaz, e os franciscanos seguirem o parecer opposto, segundo o sentir de S. Boaventura. Era tão grande a raiva que tinham as duas ordens uma á outra, que estando a prégar um franciscano em certa igreja da cidade de Francfort, em 1503, ácerca da immaculada conceição da Virgem, e vendo entrar um dominicano, começou a bradar, que dava graças a Deus por não pertencer a uma seita que affrontava a propria mãe de Deus, e propinava aos imperadores na hostia consagrada. Desafiou-o, então, cá para baixo o dominicano, chamando-lhe calumniador e hereje. Saltou logo o franciscano do pulpito, e rompendo por entre o povo, com um crucifixo, que tinha na mão, deu tanta pancada no seu adversario, até que o poz fóra da igreja, deixando-o estendido no adro como morto. Fizeram capitulo no anno seguinte os dominicanos, e ahí resolveram vingarem-se dos franciscanos, e dar-lhes cabo tanto dos proveitos, como da doutrina, fazendo com que a propria Virgem se declarasse contra elles. Para se representar a comedia que ima-

ginaram, foi escolhida a cidade de Berne: durante tres annos andaram espalhando varias historias de apparecimentos da Mãe de Deus, que reprehendia os franciscanos por causa da doutrina da conceição, dizendo, que era uma blasphemia, e um roubo que faziam a seu divino Filho da gloria de a haver mundificado do peccado original, e resgatado do inferno. Contra estas apparções armaram os franciscanos outras: até que, por fim, em 1507, tendo entrado na ordem de S. Domingos um frade leigo ainda rapaz, chamado Yetser, os dominicanos se aproveitaram delle para persuadir o povo a ser-lhes favoravel.

Era opinião corrente nos conventos de todas as ordens, que um noviço, que deixasse o habito sem professar, em morrendo ia para o purgatorio, onde estaria até o dia de juizo, salvo se delle o tirassem com missas e donativos ao convento em que tinha sido noviço.

O prior dos dominicanos foi uma noite á cella de Yetser, ataviado com uma especie de alva, serapintada toda de diabos, e carregado de grossas cadeas: levava tambem consigo quatro feios cães, e da boca da mascara, onde metterá uma caixinha com certa composição, lhe saíam chammás. Disse a Yetser que era um frade velho, que fôra lançado nas penas do purgatorio por haver largado o habito, e dahi não sairia, se elle Yetser se não deixasse agoutar por sua alma, diante do altar-mór. Desappareceu a visão, e Yetser fez á risca o que a alma do outro mundo lhe pedira, e assim a livrou do purgatorio. Passado pouco tempo tornou ella a apparecer-lhe, vestida com um vestuario brilhante, avisando-o de que estava livre de pena, e entrára no ceu, e recomendando-lhe que honrasse a Virgem, tão impiamente aggravada pelos franciscanos.

D'ahi a poucos dias, Sancta Barbara, cujo particular devoto era Yetser, lhe appareceu: era outro frade que fazia o papel de S. Barbara: disse ao pobre leigo que elle estava sanctificado, e que a Virgem o encarregava de lhe fazer justiça contra os franciscanos blasphemos.

Por fim veio a Virgem em pessoa, abrindo-se o tecto da cella, para ella passar, acompanhada por dois anjos: ordenou-lhe que declarasse que ella tinha nascido em peccado original, e que os franciscanos eram os maiores inimigos de seu bento Filho. Disse-lhe, além disso, que lhe faria mercê das cinco chagas, com que tinham sido honradas S. Luzia, e S. Catharina.

Na noite seguinte, os frades deram ao miseravel leigo vinho com uma boa dóse de opio, e depois lhe fizeram feridas nas mãos, nos pés, e no lado. Quando Yetser acordou, achou-se lavado em sangue; mas os frades a quem elle narrára as apparções que tivera, lhe disseram que as feridas eram os stigmas que lhe tinham sido promettidos pela Virgem Maria. E assim o exposeram á vista do povo, juncto do altar-mór.

Todavia, o pobre frade, parvo como era, começou a desconfiar que a voz da Virgem era a mesma do sub-prior, e disse-o. Temendo os frades que o engano se descobrisse, julgaram conveniente dar cabo do leigo com peçonha; e por isso, na proxima communhão, ministraram-lhe uma hostia polvilhada com sublimado corrosivo: mas o acre sabor da particula o obrigou a cuspi-la fóra: então os frades se deitaram a elle e o prenderam como sacrilego. Para salvar a vida o leigo não teve mais remedio, senão prometter que nunca revelaria o segredo, e jura-lo sobre outra hostia; mas achando d'ahi a pouco meio de fugir, foi revelar aos magistrados o negocio. Durou dois annos o processo, cujo resultado foi o serem quei-

mados quatro frades dominicanos diante de uma das portas de Berne, por sentença do legado do papa.

UTILIDADE DA PIMPINELLA.

A PIMPINELLA, planta vulgarissima, é uma daquellas, de que ainda os agricultores não tiram a minima das vantagens que poderiam tirar.

Pisada em verde é boa para as feridas recentes, e pisada secca é remedio para ulceras: a sua infusão ou cozimento fortifica o estomago, cura as diarrehas, e as suas raizes são diureticas: o mistura-la na salada de alface é proveitoso para corrigir o principio nocivo aos estomagos fracos, que estoutra planta tem: a pimpinella póde, sobre tudo, ser cultivada para pastos. Em Inglaterra, onde já a começam a cultivar com este intuito, a sua utilidade está perfeitamente comprovada pela experiencia de grande numero de lavradores, e quinteiros, que sempre andam a indagar que plantas serão mais convenientes, para alimento dos gados. Comem-na as ovelhas e os bois com avidéz: recusam os cavallos, a principio come-la; mas indo costumando-os a ella pouco a pouco, não ha depois desacostuma-los: as vaccas a comem com gosto, com ella engordam admiravelmente, e o leite, sem que participe do cheiro bastante activo da planta, lhe vem muito mais butiroso.

Os hortelões a seméam todas as estações, ou pelas bordadas dos talhões, ou em canteiros, depois de bem cavada a terra. É uma das plantas que mais resistem ás injurias do tempo: para ter sempre folhas tenras, basta corta-la muitas vezes. No caso de não haver semente, basta alporcar os olhos, e deixa-los enraizar. Na epocha da florescencia é que se deve ceifar; porque então é que contém mais succo, e é mais saborosa.

A pimpinella dá-se em todos os climas da Europa, nos terrenos pedregosos, calcareos, e montanhosos: póde-se, portanto, nos paizes em que a terra seja tão fraca, que se torne necessario deixa-la de pousio um ou dois annos, semear pimpinella depois das ceifas. Os campos de pimpinella conservam a verdura nos mezes ultimos do inverno, em que ali se póde fazer pastar o gado, sem damnificar a colheita do estio. Conservam tambem estes campos a frescura e viço durante os mezes de grande calor, em que todos os outros pastos estão seccos. Todas estas vantagens são de grandissima importancia, porque, por dois ou tres annos, pode haver excellentes pastagens no inverno, e no verão grande copia de feno, sem mais despeza do que a de uma sementeira. Quando o terreno fôr charneca, onde ordinariamente não se dão arvores, póde-se revolver a terra para nella semear esta planta: assim, a pouco custo, se terão pastos que durarão muito tempo, tendo, porém, a cautella de dividir o campo em folhas, em cada uma das quaes se metta successivamente o gado, não o deitando á solta por todo elle; porque deste modo, quando em qualquer dessas folhas se acabe o pasto, have-lo-ha já n'outra.

Cresce a pimpinella á altura de um ou dois pés: as suas folhas são alternadas e recortadas, e o seu sabor herbaceo e salgado.

O VALLE PEÇONHENTO.

UM VIAJANTE chegado de Java communicou á Sociedade real geographica de Londres particularidades curiosas ácerca de um valle notavel daquelle

paiz, e que tem a maior analogia com o que se conta da celebre arvore venenosa chamada Bohon-Upas [*]. A historia daquella valle se misturou com a desta arvore, e d'ahi veio, segundo parece, a maravilhosa tradição que na Europa correu sobre a affamada arvore de Java.

O valle de que ora fallamos é denominado pelos jáus *Guévo-Upas* ou valle peçonhento. Chegando perto delle, sentem-se violentas nauseas, uma especie de vagado, e um cheiro insupportavel. Tem o valle obra de uma milha de circumferencia, em fórma oval; a sua profundidade é de 50 a 55 pés. O fundo é plano, secco, calvo, e está alastrado de esqueletos humanos, e ossadas de feras, espalhadas por meio de grandes pedregulhos. Nenhum vapor sac do chão, que é mui duro, e sem fenda alguma. As encostas empinadas, que rodêam este logar de morte, estão cubertas, desde os cumes até ao sopé, de arvores e arbustos de bom crescimento. — Dois cães, que se enxotaram para o fundo do valle, alli morreram em menos de um quarto de hora.

Adquirem os ossos, neste valle, a apparencia e alvura do marfim. É opinião geral, que os esqueletos humanos são de malfeitos que, perseguidos nas cercanias, vieram acoutar-se neste valle, ignorando os perniciosos effeitos do ar que ahi se respira. As montanhas, que ha na proximidade daquella sitio, são volcanicas; mas no valle não ha o menor cheiro de enxofre, nem signaes de erupção, ainda mui antiga.

A ABOBADA.

Chronica Monastica.

[1401]

I

O CEGO.

O DIA 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cubertos aqui de relva, acolá de searas, que pullulavam com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro, para o pegureiro e para o lavrador: era um destes formosissimos dias de inverno, mais gratos que os da primavera, porque são de esperanza, e a esperanza vale mais do que a realidade; destes dias que Deus só concedeu aos povos do occidente, e que os homens de caramello, lá do septentrião, nem se quer podem conceber: destes dias que fariam embatucar de despeito os caçadores de martas zibelinas, os distilladores de *rum*, os oleiros das *poêles* e os poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem empurrar-nos como cousa mui poetica

Esses gélos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos tópes das montanhas,

sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos
Parvos! — se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes em agua chilra;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso veu da estação das tempestades.

No adro da igreja de S. Maria da Victoria, vulgarmente chamada da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas: os frades dominicanos, a quem elrei D. João 1.^o tinha doado esse

magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do organ, e os echos das vozes do celebrante, que entoava os *kyries*.

Mas não era por ouvir a missa conventual que o povó se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquella maravilhosa fabrica: era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto ao arco da capella do fundador então apenas começada. A concorrência era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Moz e das mais povoações visinhas, desejosos de ver tão curioso espectáculo tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle, por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes immensas, que, transpondo as assomadas, se rolavam pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Attravessando a planicie, em que avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas dos mezes da primeira metade da estação invernos.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, se alevantavam casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira, e abertas para todos os lados, á maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se, em uns pedras só desbastadas, em outros algumas onde se começavam a divisar labores, n'outros, emfim, pedaços de cantaria, em que os mais habéis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores de seus cinzeis divinos: mas o que punha espanto era a inumeravel porção de pedras, lavradas, pulidas, e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo grandissimo terreiro, que ao redor do edificio se alargava para todos os lados: maineis rendados, peças de fustes, capiteis gothicos, bestiães de bandeiras, cordões de arcarias, ahi estavam tombados, sobre grossas zorras, ou ainda pelo chão, endurecido pelo continuo perpassar de trabalhadores, officiaes, e mais obreiros desta maravilhosa machina. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgára ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que só restára em pé um monumento — o mosteiro —: e todavia esses que pareciam restos de uma antiga Balbek, não eram mais do que algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos — o convento de S. Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro de seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do organ, soltando a espaços suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do ceu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio: assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes, pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado

(*) Veja-se a pag. 298 do 1.^o volume.

do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embebido em profundas meditações: pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivera vida de continuo pensar, e correndo com a mão os lavores da pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, reprehendia, ou approvava com eloquencia muda, os primores ou as imperfeições do artifice que copiára á ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra, a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Em quanto o velho scismava sosinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, á portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras, e outra scena se viam: dois frades estavam em pé no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés, e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horizonte que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os gasnates, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

“Oh homem! — dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta, e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava, nas faces coradas e cheias, e cor negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade. — “Já disse a vossa reverencia, que elrei me escreveu de seu proprio punho, que viria assistir ao auto da adoração dos reis, e de caminho veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguct mandou tirar os simples que sustentavam a abobada.”

“E nego eu isso? — replicou o outro frade. O que digo é que me parece impossivel, que elrei venha, de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta: ha muito que lá vae o meio-dia: — daqui a pouco tocará a vespertas; e a noite não tardará. O mais é que não sei a que horas se ha-de fazer o auto, e como este povo, que ahi está na egreja, hade atinar com o caminho das povoações, quando elle acabar.

“Com um dia destes não ha que reccar da noite: mas, irmão Fr. Joanne, tendes vós tudo aparelhado para agasalharmos elrei?”

“Nada falta: desde hontem que tenho tido tanto descango como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestavel: o peor é que *opus et oleum perdidit* (1).

“Não falta quem tarda: elrei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e choristas que tem de fazer suas representações no auto estejam a ponto, e vestidos, para elle começar, logo que sua senhoria chegue.”

“Nada receeis; que tudo está preparado: o que duvido é que se comece, — se por elrei houvermos de esperar.”

O frade mais velho fez a estas palavras um signal de impaciencia, e sem dar resposta ao seu pirrhonico interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobrecepo para resguardar os olhos

dos raios do sol, que, já muito inclinado para o Occidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descorçoado, o dominicano abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horizonte; e neste abaixar de olhos viu o cego, que estava ainda assentado sobre o fuste de columna.

Para escapar talvez ás reflexões do seu companheiro, o reverendo gritou ao velho: “Oh lá, mestre Affonso Dominguez, bem aproveitais o soalheiro: não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida, que em seus alforges trazem por ahi os physicos.”

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal, e encaminhou-se para o cego.

“Quem é que me falla?” — perguntou este, alçando a cabeça.

“Fr. Lourenço Lanprea, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. — Tão esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela falla?”

“Perdoae-me, mui devoto padre prior:” — atalhou o velho, tenteando com os pés o chão, para erguer-se, no momento, em que Fr. Lourenço Lanprea chegava juncto delle, seguido do seu confrade Fr. Joanne, procurador do mosteiro: — “perdoae-me que as orelhas vão-me pelo mesmo caminho dos olhos; em distancia não differença já bem o tom das fallas.”

“Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso: — disse Fr. Lourenço, segurando o cego pelo braço: — “o indigno prior do mosteiro da Victoria não consentirá que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Dominguez, o creador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edificio doado pelo esclarecido e magnifico principe D. João 1.^o á nossa ordem, se alevanto para estar em pé diante de um pobre frade...”

Mas esse religioso — interrompeu o cego — é o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor João das Regras, e do grande Nunalvres, e privado e confessor d'elrei: Affonso Dominguez é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido, e abandonado no pó das encrusilhadas, um velho tonto de quem já ninguém faz caso. Se vossa caridade e humildosa condição vos move a doer-vos de mim, e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis nisso muitos companheiros.”

“De merencorio humor estaes hoje: disse o prior sorrindo — “ — Não só eu vos amo e venero: elrei me falla sempre de vós em suas cartas: sois cavalleiro de sua casa; e a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, prova que elle não é desagradecido.

“Cavalleiro! — bradou o velho — com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escriptura.” — Aqui mestre Affonso, puxando com a mão tremula as atacas do gibão, o abriu e mostrou duas largas cicatrizes no peito. — Em Aljubarrota foi escripto o documento á ponta de lança, por mão castelhana: a essa mão devo meu foro; que não ao Mestre d'Aviz. Já lá vão quinze annos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. Elrei não foi ingrato, dizeis vós veneravel prior, porque me concedeu uma tença! — Que a guarde em seu thesouro; porque ainda ás portas dos mosteiros e castellos dos nobres se reparte pão por cegos, e aleijados mendigos.”

Pronunciando estas palavras, o velho não pôde

(1) Perdi o azeite e o trabalho: expressão proverbial.

continuar: a voz lhe ficára presa na garganta, e dos olhos embaciados lhe caíram pelas faces encovadas algumas lagrimas ardentes: — a Fr. Lourenço também se arrasaram os olhos d'água: Fr. Joanne abanava a cabeça, mal comparado, como um boneco de louça da China, ou d'um destes coelhos de gesso, que trazem empoleirados em uma táboa os *maccheroni* apregoadores de *figurine*, *figurine!* — O cego se tinha posto em pé em quanto fallára: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada. Houve um momento de silencio; e por fim;

“Sois letrado, reverendo padre: — disse elle a Fr. Lourenço: — deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante.”

“Li já, e mais de uma vez: respondeu o prior: é obra prima daquellas a que os gregos chamavam *epos*, id est, *enarratio*, et *actio* segundo Aristoteles; e se não houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa...”

“Pois sabeí, reverendo padre, — proseguiu o architecto, travando com força do braço de Fr. Lourenço — que este mosteiro, que se ergue diante de nós, era a minha Divina Comedia — o cantico da minha alma: concebi-o eu: viveu comigo largos annos, em sonhos, e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno della: os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguci, arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! — Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito: o estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriam nessa pedra, que o meu alento não a bafejára. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? — que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus çapatos de ferro? — Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? — O ouro!.. Não! — o Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; só nobre e puro o genio do homem. — Enganaram-no: vassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo dessas arcarias. — E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!.. Com uma tença paga-se a gloria, e a immortalidade! — Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!.. sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumirá este no brilho de sua fama mentida.....”

O cego tremia de todos os membros: a vehemencia com que fallára lhe exaurira as forças: os joelhos lhe vergaram, e assentou-se outra vez em cima do fuste: os dois frades estavam em pé diante d'elle.

“Estaes mui perturbado pela paixão, mestre Affonso — disse Fr. Lourenço depois de uma larga pausa — por isso menoscabais mestre Ouguet, que era talvez o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propor-lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias: ninguém teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria será eterna, e nunca offuscada.”

“Obrigado — atalhou o velho — aos conselheiros

d'elrei pelos bons desejos que em meu pró teem. — São politicos — almas de lodo — que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo, e assassinam-me o da alma! — Acerca de mestre Ouguet, não serci eu quem negue suas boas manhas, e sciencia de edificar: mas que pouha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto ás minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de S. Maria da Victoria cumpre ser portuguez, cumpre ter vivido com a revolução, que poz no throno o mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera [1], ter pelejado nos muros de Lisboa, ter vencido em Aljubarrota. Não é este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional — mas popular — mas da gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro*, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escolar na sociedade dos irmãos obreiros [2], trabalhou nas sés de Inglaterra, de França, e de Alemanha: ahi subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida á luz do amor de patria; — nem, que o fosse, é para elle patria esta terra portugueza. Por engenho e mãos de portuguezes devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da gloria dos nossos; e eis-aqui que elle chamou de longes terras officiaes estranhos — e os naturaes lá foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem elles, nem eu, quem puzesse esse remate; mas nós deixaríamos successores, que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo virá, em que, nesta obra dos seculos, não haja mãos vigorosas que prosigam os lavores que mãos cansadas não poderam levar a cabo. Então o livro de pedra — o meu cantico de victoria — ficará truncado: — mas Affonso Dominguez tem uma pensão de elrei!..”

Em uma das casas que ficavam mais proximas, e de que fizemos menção no principio deste capitulo, se ergueu a adufa de uma janella, no momento em que o cego pronunciava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

“Mestre Affonso, quereis recolher-vos? está prompta a cêa, e começa a cair cacimba, que a tarde vae nevoenta.”

“Vamos lá, vamos lá, Anna Margarida; vinde guiar-me.”

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Dominguez, saiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourêlo que o apertava. Chegando ao pé do velho tocou-lhe com o braço, que o velho, alevantando-se, agarrou com força.

“Boas tardes, padre prior: disse elle a Fr. Lourenço.

“Deus vos guarde, tornou o frade, e oxalá posaes resignar-vos na sua divina vontade.”

“Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens é que nunca me resignarei.”

E Anna Margarida, que tinha a cêa ainda ao lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

“Ao pobre Affonso Dominguez parece-me que vae variando o sizo com a idade; mas é preciso respeitar a velhice:”

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade,

(2) D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando 1.º

(3) Architectos sarracenos se espalharam pela Grecia, Italia, Sicilia, e outros paizes, durante certo tempo: um avultado numero de artífices christãos, principalmente gregos, se ajunctaram com elles, e formaram todos uma corporação, que tinha suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por certos signaes. Esta foi a origem da Maçonaria. *Conversation's Lexicon.*

que suppunha estaria atraz delle; mas Fr. Joanne tinha desaparecido d'alli manso, e manso; e alongando os olhos ao redor de si, Fr. Lourenço o viu em pé sobre uma pedra, a alguma distancia.

O prior ía a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr; bradando:

“Ganhastes padre prior; ganhastes! — Eis elrei que chega.”

E, com effeito, Fr. Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que com grande açodamento descia para o valle do mosteiro.

(Continuar-se-ha.)

RAPIDEZ TYPOGRAPHICA PRODIGIOSA.

O *Atlas*, folha politico-litteraria que se começou a publicar em Inglaterra no anno de 1832, logo de principio se imprimia a 20:000 exemplares: ácerca delle se fizeram os seguintes calculos, que provam a que ponto tem chegado naquelle paiz a arte de imprimir.

O *Atlas* é o maior jornal que tem apparecido em Inglaterra: no espaço de algumas horas se tiram os seus 20:000 exemplares. Cada um delles tem quarenta pés de superficie, d'onde se segue que a somma de todos os exemplares produz 800:000 pés quadrados de impressão, extensão que cubria uma geira de terra: tendo cada exemplar 16 folhas, os 20:000 fazem 320:000 folhas, ou 640:000 paginas de 16 pollegadas de alto, que a tres columnas por pagina, montam a 1:920:000 columnas, 241:320:000 linhas, e [approximadamente] 2:419:200:000 palavras. Assim, avaliando um volume ordinario de 500 paginas [a 33 linhas em cada uma, e 10 palavras em cada linha] em 170:000 palavras, vê-se que os prelos do *Atlas* podem imprimir em poucas horas a materia necessaria para 14:230 volumes de 3.^o Se se pegasse nas folhas de cada numero, isto é, em 320:000 folhas, e se unissem pelas extremidades, formar-se-ia com ellas uma tira que chegaria de Londres a Salisbury, e se cortassem as tres columnas de cada meia folha [folha do quaderno] e se ajuntassem pelos topos, resultaria d'ahi uma fita impressa, sufficiente para rodear o Middlessex e os sete condados circumvisinhos.

MODO DE RECEBER OS IMPOSTOS NO EGYPTO.

SEMELHANTES aos egypcios do tempo dos romanos, os modernos habitantes daquelle paiz, bem como o geral dos arabes [ainda que talvez não tanto] são mui celebres pela sua obstinação em recusarem pagar os impostos, antes de lhes darem muita pancada. Provém isto de saberem que quanto mais promptamente pagarem, mais se lhes pedirá: é cousa commum entre elles contarem com grande ufania o numero de bordoadas que receberam, antes de lhes sacarem dinheiro. Accusado de qualquer crime, o arabe mostra a mesma obstinação em negar, ainda que haja testemunhas de vista; porque receia, que, se disser logo tudo, o juiz queira experimentar se o páu, ou kurbaç não o faz confessar mais alguma cousa.

O BILL DO PEIXE.

COMER peixe era em Inglaterra no tempo da rainha Isabel um indicio de catholicismo, e por consequencia um pretexto de perseguição. Vulgarmente se di-

zia, para designar um bom protestante, um homem zeloso pelas instituições daquelle tempo, “E’ um homem de bem, não come peixe.” Todavia este capricho do fanatismo anglicano podia vir a ter funestas consequencias. Foi preciso, para sustentar as pescarias, então como ainda hoje poderoso ramo da industria ingleza, que o parlamento por um acto especial ordenasse a comida de peixe em certa epocha do anno; a qual foi chamada a quaresma de Cecil [Cecil's fast], nome de um dos primeiros ministros da rainha d'Inglaterra, que era justamente o que tinha feito passar o bill.

Afim de impedir que a plebe não recabisse em uma preocupação tão prejudicial ao commercio, e á industria maritima, e por consequencia á prosperidade do reino, formou-se uma companhia de negociantes de pescado, em a qual entraram os principes da casa real, e que depois floresceu com grandissimo esplendor.

Clima da lua. — A lua não tem nuvens, nem cousa que indique haver nella atmosphaera. D'onde se conclue, que o seu clima deve ser muito extraordinario, havendo de ter, durante 15 dias, um calor de sol mais ardente do que o do meio-dia debaixo do Equador, passando, de salto, durante outros 15 dias, a ter um frio muito maior do que um dos nossos invernos no polo. Desta e de outras circumstancias procedentes da mesma falta de atmosphaera, será a consequencia uma absoluta aridez debaixo do sol vertical, e a continúa accumulção de gelo na região opposta, e, talvez, uma estreita cincta de agua corrente nas bordas do hemispherio allumiado. É possível, tambem, que a evaporação, por um lado, e a condensação por outro, conservem até certo ponto o equilibrio da temperatura, e mitiguem de algum modo a extrema aspereza de ambos os climas. — *Herschel.*

Saude dos peixes. — A maior parte das doenças que sobrem ao genero-humano procedem das variações da atmosphaera; mas os peixes vivem em um elemento pouco sujeito a mudanças; e a sua existencia é uniforme. Pouco esforço teem de fazer para se moverem, e passam a vida sem trabalhos. Não está averiguado quanto tempo vive qualquer peixe: mas talvez que a vida de um homem não bastasse para medir a do mais pequeno delles todos. — *Lord Bacon.*

DE todos os calculos o mais difficil é a avaliação da felicidade dos individuos; póle todavia comparar-se neste ponto o estado das diversas classes da sociedade. Parece-nos que a balança pesa a favor do povo, porque os seus prazeres não são de ordinario, como os dos poderosos, seguidos de remorsos, de inquietações e de pesares. — *De Levis.*

Todos os povos devem uns aos outros justiça e caridade: cada um deve respeitar os alheios direitos, e prestar socorro ás outras nações, seja para lh'os defender se lh'os querem roubar, seja para lh'os reconquistar se já lh'os fizeram. Os destinos dos povos são solidarios. Aquelle povo que consente no paiz visinho a oppressão, abre a cóva, em que sotterra a sua propria liberdade. — *Lamennais.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.